

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE AGOSTO DE 1917

ANO II—N.º 27

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADANTADO
ANO 1\$00 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 500 || ANO 2\$50
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 25 (Antigo L. d'Abegovaria) — TEL. 2337 C. — LISBOA

ESTHETICA

Já aqui dissemos no nosso numero de 5 de maio o pouco cuidado que a nós todos nos merece a esthetica das coisas. Ninguem se preocupa com o golpe de vista. Esquecendo-se certamente, que é ele o que mais concorre para a beleza das cidades, e das paisagens.

A Baixa de Lisboa, cimetrica e harmonicamente construida pelo extraordinario ministro de D. José, está hoje tão devastada tão remendada, que, se o grande marquez abrisse os olhos, taparia a cara de vergonha.

Ha uma camara municipal, com um conselho, quasi tão numeroso como o antigo parlamento romano, encarregado de zelar pelos interesses da cidade, mas que passa o tempo na faina — talvez laboriosa — de mudar o nome ás ruas. E tem uma repartição especial para aprovar e desaprovar projectos de novas construções, e de reformas dos predios existentes. Pois em cada dia vemos erguer elegantes predios, com umas cimalthas de aguas-furtadas, mais parecidas com gaiolas de cães que remates de moradias. E como se isso não bastasse consentem que qualquer sujeito, para ventilar a casa, se permita abrir um buraco no telhado, a que dá o nome de janela, sem respeito pela altura nem disposição da janela visinha.

A Baixa é uma vergonha, vimos ha tempos a rua do Ouro reproduzida em animatographo, e deu-nos a impressão de uma viela de um bairro pobre.

As mansardas então, pareciam um amontuado de casebres toscos, subrepondo-se no cimo dos altos predios bombalinos.

Porque não obriga a camara, os proprietarios o reformar tudo aquillo?

Não sabemos, mas parece-nos que pelo unico motivo de se não querer incomodar. O discurso sabe-lhe melhor e d'ahi a passar o tempo a palrar.

Os caminhos de ferro teem carruagens de varios typos e tamanhos. Porque não formará os seus comboios com um material uniforme, para quando os virmos passar deslizando pelas varzeas ou sobre as pontes, nos deem uma impressão agradável á vista?

Não sabemos tambem, mas parece-nos haver pouco gosto da parte de quem distribue o material.

Antigamente as carruagens eram pintadas exteriormente de côres diversas, conforme a classe, o que dava um aspecto de uma pintalgada sem ordem. Depois veio uma só côr, e sorrimos por ver uma certa harmonia; mas qual historia, subsistiu o tamanho da carruagem e a feitura dos tectos, e d'ahi a parecer o comboio uma enfiada de caixotes a reboque da machina.

Nas provincias, então peor estamos; barracas vergonhosas, povoando as nossas estancias de prazer, ausencia completa de gosto nas pinturas dos predios, que raras vezes são brancos e com janelas verdes, para formarem com o arvoredo, essa paisagem doce e garrida tão fortemente portugueza.

Ou mais raras são ainda os cinzentos, para que a côr mergulhe no arvoredo das praias, e faça realçar o vermelho dos telhados; formando uma paisagem idilica e de paz.

Não é preciso ser-se artista para a

gente se arrebatara, ante esse conjunto adoravel de casas que Teixeira Lopes, ajuntou em Miramar. Nota logo o mais leigo, que ali n'aquelas viviendas, todas brancas de alpendres a cobrir os balcões, e dentro de um pequeno quintal com o seu pinheiro, redondo e hirto, a fazer a guarda, é um doce ninho tão portuguez, como a agua do mar que se debate na praia.

Ninguem se admire porém, de ver ali junto aqueles pequenos solares, erguer-se um dia, um feio barracão, com ramos de loureiro á porta e uma mulher a arrotar a vinho.

Como tambem ninguem estranhe, que mãos inhabeis e inconvenientes, ali vão espetar um pau alto com fios telegraphicos em desordenada composutura.

D'isto então enferma Lisboa. O Aterro parece que foi feito para arvorar esses mastros hediondos onde em desmazelada cimetria pousam os fios do telegrapho.

A companhia dos telephones escondiu sob a terra a sua extensa rede telephonica, a Companhia dos Electricos pôs ao longo das suas linhas, postes artiscos para suporte dos seus cabos conductores, e n'algumas ruas onde o trasito é intenso, suprimiu-os, segurando os fios nas paredes.

Isto é claro, é a iniciativa particular, pois a official é o que se vê; postes de todos os tamanhos e feitios, a despejar tudo. Olhe-se para o Hotel Central, e veja-se como a sua moderna fachada não merecia que lhe tirassem aquele feio poste telegraphico, já corvado de nascença.

Infelizmente este estado de coisas desagradaveis ha de continuar por largos anos se nós todos, governo e governados não olharmos melhor para estes pequenos nadas, que dispõem mal a vista, e aborrecem o espirito.



A APROXIMAÇÃO FRANCO-PORTUGUEZA

REUNIU-SE ha dias, em Paris, sobre a presidencia de Mr. Appell, decano da Faculdade de Sciencias da Universidade Parisiense, o Comité Franca-Portugal; tendo assistido a esta reunião os srs. Yves Guyot e Ernest Meyer, respectivamente presidentes das secções economica e de turismo d'aquelle Comité.

N'essa sessão foram detidamente apreciados os trabalhos das diferentes secções, registando-se, com agrado, os resultados já obtidos, taes como a introdução da lingua portugueza no ensino oficial francez, os relativos ás facilidades commerciaes, principalmente no tocante aos productos das nossas colonias, e a criação d'uma camara de Comercio Portugueza.

No que respeita ao turismo, a respectiva secção está trabalhando para, d'acordo com a Sociedade Propaganda de Portugal, pôr em pratica uma serie de interessantes iniciativas, que deverão concorrer eficazmente para tornar conhecidas no estrangeiro as belezas naturaes e artisticas do nosso Paiz; devendo ser instalado, junto da Camara de Comercio, um posto de informações, para tudo quanto se relacione com o turismo em Portugal.

Estão, pois, iniciados os trabalhos preliminares para uma mais intensa aproximação geral franco-portugueza, e oxalá eles correspondam á boa expectativa com que nos animam, e aos felizes augurios sobre que ella assentam.

Dada, porém, a nossa especialidade, permitimo-nos fazer umas ligeiras considerações que julgamos oportunas, na parte que se refere propriamente ao turismo. Devemos, todavia, frisar primeiramente, que essas considerações obedecem tão somente a uma singela apreciação, e não tem outro intuito que não seja o de proporcionar uma maior clareza na provavel sequencia dos factos; isto — bem entendido — sem que pensemos arrogar a nós proprios a presumpção de mais cuidadosos ou de mais nitida previsão sobre os acontecimentos futuros.

Salvaguardada, assim, a nossa intenção, passamos n'uma breve synthese a expôr o nosso pensamento.

A instalação d'um posto de informações junto da Camara de Comercio Portugueza, em Paris, será, a nosso vêr, de resultados relativos, no que respeita ao turismo. Não queremos dizer com isto que seja dispensavel; mas d'ahi até ao que maior conve-

niencia nos importa, vae uma enorme distancia.

Não basta ser-se turista e ter-se uma decidida boa-vontade em animar e fazer canalisar para o proprio paiz uma importante corrente de turistas. Para se conseguir a satisfação d'esse desejo, torna-se necessario um estudo aturado das diferentes condições que mais directamente influem para a sua realização, e dar-lhes viabilidade por uma forma pratica e criteriosa.

Ora, presumir-se que, da criação, em Paris, d'un. posto d'informações sobre Portugal resultará a base para que, só por esse facto, aqui se desenvolva o turismo, parece-nos, talvez uma manifesta infantilidade.

Poderá, porventura, alguém pensar que os francezes, atraentes por excellencia, captivantes por principio e patriotas por uma esmerada educação, podendo e tendo necessidade de conservar o mais tempo possivel no seu paiz, os viajantes estrangeiros, se dispensem de usufruir todos os beneficios que elles possam deixar na sua terra e os mandem vêr a alheia, por muita amizade que lhes tenham?

Cremos bem que não.

Far-se-ha porém a suposição de que os estrangeiros, depois de se acharem na capital da França, n'esse encantador Paris que enche a boca a toda a gente, onde tudo se sabe, tudo se vê e se admira; onde as novidades de todo o mundo, com a celeridade que os novos inventos imprimem a todas as noticias, chegam pintadas dos mais extravagantes coloridos; onde o estado de perfeição em todas as artes e sciencias produzem as mais extranhas commoções e as mais extraordinarias impressões; onde o espirito se recreia e a alma se conforta; onde pela mais singela futilidade se paga — consciente e saborosamente — o dinheiro que nos pedem — sim: fará alguém a suposição de que, depois de estar em França, gozando dos maiores requintes do luxo, da elegancia, da comodidade, da distração e dos prazeres, qualquer estrangeiro guarde uns cobres para ainda vir vêr um paiz que lhe é desconhecido ou de que tem uma vaga e desagradavel impressão pelas tendenciosas informações que lhe chegaram?

Não somos nós que assim pensamos.

Supomos que esse posto de informações, a crear-se, nos poderá ser de relativa utilidade pelo que propriamente possa interessar aos francezes, mais pelo lado comercial e das suas con-

veniencias, do que pelo que possa repercutir ao turismo. Estamos, mesmo, dispostos a crêr que, se elles um dia viessem a constatar que o nosso Paiz fazia qualquer concorrência á sua industria turistica, e que esse nosso primeiro passo lhes seria prejudicial, procurariam, por todas as formas e feiços, contrariar a nossa expansão não só n'esse ramo de vitalidade, mas em outros sobre que a sua pressão nos pudesse fazer sentir o seu desagradado.

Não devemos, pois, enveredar por um caminho a que só uma inconsciencia nos poderá conduzir e cujos resultados se nos antolham pouco positivos; mas procuraremos, antes, d'essa feliz aproximação que se está esboçando, tirar todos os beneficios que lhe possamos extrahir, com methodo, com finura e subtilidade, com transigencia compensadora e sem a intenção de ferir susceptibilidades.

O assumpto é muito delicado e complexo, e só uma extrema delicadeza, guardando diplomaticamente as conveniencias, poderá atingir uma conciliação de interesses e vantagens reciprocas, sem que os legitimos direitos de qualquer das partes sejam offendidos.

PROPAGANDA HOTELEIRA

A benemerita Sociedade Propaganda de Portugal, á qual o nosso Paiz deve já alguns importantes e valiosos beneficios, continua proseguindo na sua espinhosa senda de prepara-lo e dispô-lo para que elle possa, dentro em breve, começar a receber os turistas estrangeiros, que aqui forem atraídos pela sua persistente propaganda.

N'este sentido e, tambem, como consequencia dos resultados do ultimo congresso hoteleiro, essa Sociedade acaba de abrir um concurso para apresentação, até 31 de Dezembro do corrente ano, d'um projecto de hotel para ser construido em centros de turismo ao norte do Tejo como exclusão de thermas e praias.

As condições d'esse concurso acham-se patentes na séde da Sociedade Propaganda, onde os interessados as podem apreciar.

Estando-se a proceder á cobrança das assignaturas do 1.º semestre do corrente ano, rogamos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

ARTE E LITERATURA

TRANSMIGRAÇÃO

DE FERNANDO CALDEIRA

*Ainda bem que acredito
na imortalidade da alma;
que, n'este mundo proscrito,
todo o martir souha a palma
na aspiração do infinito.*

*Mas suponhamos agora,
que na morte ela transmigre...
Que terêi eu sido outr'ora?
Quem sabe lá? Talvez tigre
ou leopardo... E tu, senhora?*

*Tu tão gentil e tão esquiua
Ah! tu foste já, por força
borboleta fugitiva,
quando eu era sensitiva...
ou então gazela... ou corça...*

*Quem sabe se foste um dia
niveo raio de uma estrela,
tu, que és tão branca e tão fria!...
São dois bocadinhos d'ela
os teus olhos, juraria.*

*Talvez fosse também graça...
A elegância, a gentileza
vem-te d'essa natureza
e a mulher não lh'o disfarça.
Foste graça com certeza.*

*Que, no sorrir, desconfio
que fosses rosa vermelha
e que salvasses do estio
um botão d'esse feitio...
Pois, se foste, eu fui abelha.*

*E de ter sido harpa ou lira,
dize-me, não te recordas?
se foste, já não me admira;
ao que o meu peito suspira,
fui uma das tuas cordas.*

*Quando foste marguerite
ao pé de ti era eu relva...
Depois mudaste e eu segui-te
e renascemos na selva
tu lilaz e eu clematite!*

*Foste rio n'outra parte
e eu a areia do teu leito!
E também fomos, suspirito,
tu vim e eu hera a abraçar-te!
E, olha, ficou-me esse geito!*

*Depois fomos, tu conchinha
e eu vaga: na maré cheia
levei-te à praia vizinha,
mas não ficaste sósinha...
Lembro-te a espuma na areia?*

*Era tu que te envolvia...
E ali te fizeste aragem,
E eu, que era espuma, seguia-a...
Aquilo é que foi viagem:
Depois foste sol e eu dia.*

*N'esse tempo, inda me lembro,
fiz-me nuvem transparente
e corava de contente
pelas tardes de setembro
a velar-te no ocidente.*

*Fomos depois tu diamante
e eu oiro do teu engaste,
Vem-nos de essa cambiante
o seres tu deslumbrante
e eu tristíssimo em contraste,*

*E é só por isso, eu te juro,
que raras vezes me alegro...
Porque eu era de oiro puro
e, por dar-te um fundo escuro,
cobri-me d'esmalte u'gro.*

*Finalmente, se nostaste
que nem n'ál mortes consoutem
este amor, que me inspiraste,
quer tu sejas flor e eu haste,
quer sejas mulher e eu homem:*

*e foi verdade o que eu penso;
é força, que te conformes...
Dá-me o teu amor imenso,
assim como eu te pertenco,
por mais que tu te transformes.*

*E deixa-me esta esperança;
deixa-me ver, se me faço
criancinha ou pomba mansa
a dormir no teu regaço,
à sombra da tua trança.*

POBRE TYSICA!

DE ANTONIO NOBRE

*Quando ella passa á minha porta,
Magra, lívida, quasi morta,
E vai até á beira-mar,
Lábios brancos, olhos pizados:
Meu coração dobra a finados,
Meu coração põe-se a chorar.*

*Perpassa leve como a folha,
E aspirando, ás vezes, olha
Para as gaivotas, para o Ar:
E, assim, as suas pupilas negras
Parecem duas toutinegras,
Tentando as azas para voar!*

*Veste um habito cor de leite,
Sainha liza, sem cufeite,
Boina maruja, toda luar:
Por isso, mal na praia alveja,
As mais suspiram com inveja:
«Noiva feliz, que vae cazar...»*

*Triste, acompanha-a um Terra Nova
Que, dentro em pouco, á fria cova
A irá de vez acompanhar...
O chão desnuda com cantella,
Que Boy conhece o estado d'ella:
Quando ella tosse, põe-se a uivar!*

*E, assim, sózinha com a aia,
Ao Sol, se assenta sobre a praia,
Entre os bebés, que é o seu logar.
E o Oceano, tremulo avoázinho,
Cofando as barbas cor de linho,
Vem ter com ella a conversar.*

*Fallam de sonhos, de anjos, e elle
Falla d'amor, falla d'aquellô
Que tanto e tanto a faz penar...
E o coração parte-se todo,
Quando a sorrir, com tão bom modo,
O Mar lho diz: «Lha-de savor...»*

*Sarar? Mizerrima esperança!
Padres! ungi essa criança,
Podéis sua alma encomendar:
Corpinho d'anjo, casto e inerme,
Vae ser amada pelo Verme,
Os bichos vão-na desfructar*

*Sarar? Da cor dos alvos linhos,
Parecem fuzos seus dedinhos,
Seu corpo é roca de fiar...
E, ao ouvir-lhe a tosse secca e fina,
Eu julgo ouvir n'uma officina
Taboas do seu caixaó pregar!*

*Sarar? Magrita como o junco,
O seu nariz, (que é grego e adunco)
Começa aos poucos de afilar,
Seus olhos lançam igneus chammas:
O pobre Mãe, que tanto a amas,
Cantella! O Outomno está a chegar...*

A "CASA PORTUGUEZA," NOS CAMINHOS DE FERRO

DESDE quasi o seu inicio, que esta revista vem trabalhando em prol da Casa Portuguesa, que felizmente vae alastrando pelo paiz fóra. Toda a gente, mercê da propaganda

o leitor avaliar quão elegantes são as estações do prolongamento da linha do Vale do Corgo, cujo estylo vae tambem ser adoptado para as construcções em outras linhas.



Como as gravuras demonstram, nada ali falta para atestar a construeção nacional, as varandas alpendradas, os vasos para os cravos, e para as classicas sardinheiras, as gelosias. E até a *marquise* de zinco, tão familiar nas nossas estações é substituida pelo tradicional alpendre, com os bancos de pedra e azulejos a servir-lhe de encosto.

E por fim para ainda dar a nota bem portugueza, lá está o pinheiro, redondo como um guarda-sol, a embelezar-lhe a estretica, como se vê junto da casa de habitação do pessoal.

Sendo esta linha internacional, pois o prolongamento para Hespanha, por Orense, não se fará esperar, e sendo

uma linha de turismo, lamentavel é que, todas as suas estações não sejam n'este estylo, como tambem o deviam ser as das linhas da Beira Alta, e do Sul e Sueste, se tivessemos acordado ha mais tempo.

No Algarve, então podia-se ter adoptado a classica construeção regional, com os seus terraços as escadas de tijolo, pondo-lhe á volta palmeiras, que formam com os amendoaes e as alfarrobeiras, uma paisagem interessante.

que nos ultimos anos se tem feito, se vae compenetrando de que é preciso dar um cunho nacional ás nossas coisas, e que nas casas reside, por assim dizer, a mais forte manifestação de uma nacionalidade.

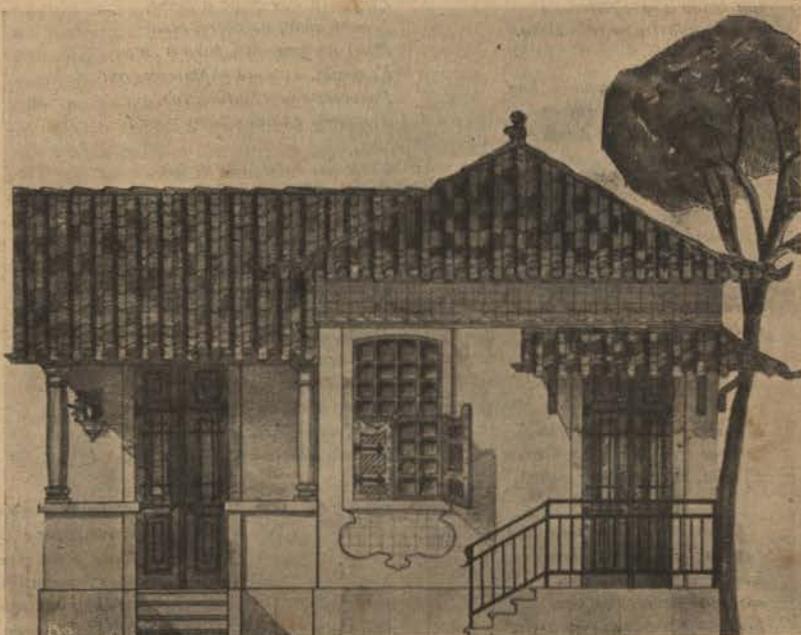
Depois a casa portugueza, alia á sua graça ridente, a leveza e a simplicidade que nos é tão característica e que por si só justifica a sua construeção.

E é com particular encanto que nós temos ás vezes demorado a vista n'essas pequenas casas, todas brancas com os beirões verdes e as janelas da mesma côr, que mãos patriotas teem levantado nas nossas praias entre os pinheiros e á beira das estradas, junto das hortas.

E, como já aqui o dissemos, tambem os caminhos de ferro comprehenderam que era preciso nacionalisar as suas edificações, tendo já a Companhia Portugueza transformado e construido no mesmo estylo varias estações, e agora a Direcção dos Caminhos de ferro do Minho e Douro, resolveu que as suas novas estações e casas de habitação de pessoal, sejam no estylo puramente portuguez.

Nas gravuras que hoje damos, pode

São trez as estações deste typó a fazer no prolongamento na citada linha Moure, Tamega e Chaves, sendo esta ultima de muito maiores dimensões para o movimento importante que a vila de Chaves, lhe hade proporcionar.



CASA DE HABITAÇÃO
DO PESSOAL

nham a ser construídas no nosso estylo, para que os estrangeiros vejam que ha no nosso paiz mais alguma coisa que a crassa importação.

A proposito da linha do Vale do Corgo, damos tambem a gravura da nova ponte sobre o Tamega, toda de alvenaria, como o tambem não ser as da nossa linha de Amarante a Celorico de Basto.

É este, sem duvida, tambem um renascimento da arte nacional em pedra que até ago-

PONTE SOBRE
O TAMEGA, NA LINHA
DO VALE DO CORGO



ra a serralharia lhe havia tomado a dianteira.

Sendo Portugal um paiz importador de ferro era uma pena que não aproveitassem os nossos recursos de pedra.

VIAGEM DE ESTUDO

A colher impressões e fazer um estudo sobre coisas de Turismo, partem por estes dias para o Norte o sr. Dr. Magalhães de Lima e José d'Athayde, respectivamente Presidente do Conselho de Turismo, e Director da Repartição de Turismo.

A viagem estender-se-ha a varias thermas e praias do Norte, tencionando os viajantes ir tambem a alguns pontos de altitude.

O sr. Magalhães Lima, convidou o nosso redactor principal, sr. Guerra Maio, a acompanhá-los na interessante digressão, não podendo ele, aceitar o honroso convite em vista dos seus muitos afazeres.

Nada, porém, perdem com isso os nossos leitores, pois o sr. Dr. José Athayde, prometeu escrever as suas impressões da viagem, n'esta revista.

Gentileza que desde já reconhecida-mente agradecemos.

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

A TORRE DE S. VICENTE DE BELEM

ECHÔA de novo nos horisontes de Portugal o som clamoroso da trombeta luzitana! ..

Atrôa retumbantemente os astros o protesto altisonante da turba! — E uma voz em grita leva atraz-si o poder magico da justiça popular. E justiça... ha de fazer-se. A voz do povo — *vox populi vox Dei* — ouviu-se... mas é preciso que o seu écho não se dilua mais uma vez no vago dissolvente do nada...

E' o caso.

Por varias e diferentes vezes se tem feito os mais energicos protestos contra o incomensuravel van-

riam, sem duvida, um volume superior... á historia dos povos barbaros.

Antes da vigencia do actual regimen, os republicanos atroavam os ares e ventos com os seus inflamados protestos, em que o desleixo, a incuria e... etc. — eram postos em fóco e sublinhados com acrimonia, e com a agravante de darem claramente a entender que as vereações d'então se vendiam á poderosa Companhia que tem o privilegio da iluminação, ou que tinham interesses ilicitos comprometidos em todas as demais barbaridades que consentiam, sem atenderem ao prejuizo da beleza e da esthetica da nossa primeira cidade.

Sucedeu, porém, um dia, iniciarem-se as administrações republicanas, e eis que...



TORRE DE BELEM

dalismo que representa a instalação da Companhia do Gaz junto d'esse precioso monumento historico que é a Torre de Belém; e todos eles — se fosse possível juntarem-se — da-

tudo fica na mesma, e o resto peora. E' o que se vê a cada passo, sem mesmo se andar á procura do que aqui ha de mau, porque é... desne-

cessario. O desleixo, o desmazelo, a incuria, a inconsciencia e todos os demais adjectivos que synonymamente possam demonstrar os mesmos defeitos, apresentam-se n'esta desditosa cidade com a singela clareza da evidencia.

Triste é dizê-lo: mas não devemos mentir.

Fiquem as responsabilidades a quem tocam.

Não é esta a primeira vez que n'estas columnas consignamos o nosso protesto; e se todos os nossos artigos teem sido lidos com os olhos da intelligencia, ha de reconhecer-se que eles em grande parte nada mais representam do que um protesto, embora singelo, mas contínuo, em face das barbaridades que se descortinam a cada passo não só em Lisboa, mas em muitos sitios de Portugal.

Os crimes de lesa-Patria e de lesa-Arte que de ha muito veem sendo praticados contra essa reliquia em que Garcia de Rezende estylizou uma feliz epocha da nossa historia, não são susceptíveis de remissão. Se a alma d'esse portuguez, d'esse valido d'El-Rei D. João II, pudesse certificar-se do vandalismo que está perpetuando as edillidades administrativas d'esta outra cidade de marmore e granito á beira-mar plantada, como disse o Poeta, certamente que o anathema proferido no mais justo e espontaneo desabafo, seria ainda castigo pequeno para tão grande afronta.

Tão monstruosa ela é, que as entidades que sentem sobre os seus hombros o pezo das responsabilidades, começam manifestando-se em... protestos platonicos. Mas os protestos platonicos surgem n'este Paiz a cada passo, a todo o instante, minuto a minuto, sem que o seu resultado se conte ou se possa contar por uma victoria; e tantos eles teem sido, que já ninguem — e muito menos os interessados na parte pessoal propriamente dita — faz caso de tal procedimento.

O protesto vehemente erguido ha dias, pelo Sr. Dr. Julio Dantas, na sessão da Academia das Sciencias, sendo a logica consequencia do que se acha exposto no elucidativo relatório da Repartição de Turismo e do realce que aqui demos a esse seu capitulo, tem apenas o merito da defeza propria, aliás bem sublinhada no discurso d'aquella muito illustre academico; todavia, parecia-nos mais eficaz se elle fosse tornado pratico, senão directamente, pelo menos na manifestação d'um agregado das entidades que representam os poderes maximos da Arte e da defeza do patrimonio nacional. E se a efficacia d'esse protesto ainda fôr insufficiente, recorra-se

então á força... e a victoria será certa. Demais, a occasião é propicia, porque nem mesmo se pode invocar a impossibilidade da transferencia da *curvoeira* que está ofendendo aquelle lidimo documento historico, visto que a sua utilisação está paralyzada actualmente.

Não devemos, contudo, deixar de registar o brado patriotico do Sr. Dr. Julio Dantas, e ao seu protesto juntamos o nosso mais vehemente.

Oxalá elle se repercuta e origine o movimento que revolve os espiritos cahidos na apathia e não chegue

sómente até aos ouvidos do comandante do campo entrincheirado, que, agora, não tem tanto motivo para prestar o seu valioso concurso como o fez para a mudança do gazometro que ali estava tambem instalado.

E' uma lucta em que todos nos devemos empenhar, e da congregação dos nossos esforços salvar-se-ha certamente essa bela pagina da historia da nossa Patria.

Caminhemos, pois, não platonica, mas positivamente, para restituirmos a nós proprios e aos nossos herdeiros a formosa Torre de Belem.

O TURISMO EM PORTUGAL

COISAS VARIAS

Isto do turismo em Portugal é um assumpto tão *paciente*, que se nos impõe, por vezes, a obrigação de lhe darmos uma forma pitoresca, para que o seu sabor se torne mais agradável ao paladar... e á intelligencia. Por isso é que, de vez em quando, procuramos fugir da sizuda apreciação dos factos concretos, e fazer derivar a atenção alheia para o campo das realidades actuaes, onde tantas e tão variadissimas coisas se nos apresentam como merecendo um especialissimo estudo, e nos atraem pelo que de singular e extranho nos mostram.

Uma d'essas coisas é a nossa propria psychologia e a influencia que a alheia exerce sobre nós. Outra é a nossa phylosophia e o que pensamos da maneira de ser dos outros. Ainda outra será, por exemplo, o que os outros fazem e o que nós devemos fazer. Mas de todas a que talvez encontre menos paralelo, seja onde fôr, é a *parolophia* — sciencia vagamente conhecida nos mundos praticos e absolutamente extranha aos povos positivistas.

Pois a *parolophia* tem entre nós um especialissimo culto, uma arreigada devoção e uma tão manifesta decisão que poder-se-hia classificar como a primeira e a mais interessante sciencia de toda a nossa vida.

No nosso Paiz toda a gente falla; todos, em Portugal, parolam.

E' vicio, é habito, é lei.

— E porque é que assim succede?

Succede assim justamente, porque essa é mesmo, actualmente, a nossa condição de ser, de vivermos e de, para outros, fingir-se viver.

Succede assim tambem, porque, tendo-nos sido tolerado, desde pequenos, dizermos todas as asneiras que o nosso então infantil pensamento nos dictava — o que

nos produzia a sensação de idéas doutoras e de por esse facto gozarmos d'uma justa consideração — nos habituámos de tal forma a esse convencimento, que entendemos sempre que só a nossa cabeça é que pensa bem, que só nós é que sabemos agir em qualquer emergencia e que nada se poderá utilmente fazer sem que o nosso *auctorizado* conselho seja ouvido.

D'ahi... resultou o estado a que chegámos e que estamos presenciando em todas as manifestações da nossa actividade que não implicam com a *parolophia*.

Estamos, pois, no campo por onde nos conduziu a nossa razão, para podermos dizer que este constante canto das nossas belezas, das nossas grandezas e das nossas riquezas nos faz pensar em diferentes exemplos que, talvez, com uma relativa justeza, possam significar-nos.

Ora, todos nós, se não conhecemos, temos, certamente, ouvido fallar de pessoas muito ricas, possuidoras de importantes bens de fortuna, de casas abastadas, ornamentadas com precioso recheio, com valorosas obras d'arte, com valores representativos de bom metal sonante, e, sem duvida, o nosso maior desejo é — se ainda os não gozamos — podermos gozar um dia d'esses encantos, saborearmos, embora momentaneamente, do bem estar paradisiaco que se deve disfructar n'essa mansão que, pelo que nos dizem, deve ser de sonho, de ideal, de ventura.

Succede, porém, que essa occasião depara-se-nos; e, cheios de grande entusiasmo, avidos do maior interesse, gerado nas apreciações e informações que ouvimos, ingressamos no ambito da doce ventura que imaginavamos.

Chegamos ao nosso destino, e eis-nos em face da sua apparencia, dos seus primeiros aspectos, que nos dis-

põem bem, que nos seduzem e atraem.

Entramos, sob a mais agradável das impressões; mas dados os primeiros passos, começamos a notar uma certa extravagância na disposição das coisas, que no decorrer da nossa visita se vai confirmando como por exemplo: uma preciosíssima torre de marfim junto da carvoeira; um repositório de reliquias do mais alto valor, colocado em uma sala, sem vida nem flores, sem luxo nem conforto, nem alegria, a que dá acesso um corredor ladeado de calxotes velhos, malcheirosos... N'outra sala precisamente no momento da nossa visita, um pseudo criado, em mangas de uma camisa de côr duvidosa, impossível de se estar junto d'ele pela grosseria dos gestos e do perfume... varre doadamente, atirando sobre nós as ruínas d'uma asquerosa poirada... Depois... o convite para irmos aos jardins encantados, tendo-se de atravessar por um outro corredor em forma de tunel, escuro e comprido, sujo, e onde um fumo pestilencial transfigura toda a gente. Ah!, os lagos mostrando a silhueta dos seus ornatos por emanações musgosas das verdes águas, assemelham-se a obras phantásticas; as figuras lindamente antiquadas pelo desleixo d'uma original conservação, representam concepções extravagantes etc. etc., tudo no mesmo tom, todas as coisas em igualdade de condições.

E' claro que, logo que tivémos ensejo, nos dispensámos de continuar a nossa visita e apressadamente sahimos, muito gratos com a amabilidade dos donos da casa, mas não pensando sequer em lá voltarmos; pois mesmo a unica recordação que nos ficou foi a de não termos partido um pé nos diversos buracos que encontrámos pelos corredores...

Ora — como dizem os hespanhoes — *apliquen ustedes el cuento* — e digam-nos se não ha na descripção d'este exemplo uma inconfundível semelhança com... o que se passa cá por casa — que é como quem diz: em Portugal?!!

— E porquê?

Porque a *paralophia* essa sciencia que nos tem aberto o caminho para o apogeu da gloria e da qual temos tirado os melhores fructos e os melhores proventos — como se está vendo, tem sobre nós um tão inexplicavel dominio que nada, absolutamente nada podemos fazer fóra da sua influencia.

E' por isso que os inglezes — menos praticos do que nós — apenas gastam trez tempos para classificar o que não é positivo:

Words, Words, Words.

José LISBOA

A INDUSTRIA DO TURISMO

AGORA, que se está esboçando uma reacção no nosso modo de viver, e que cada unidade vai procurando tornar-se no seu justo valor, não serão certamente descabidas algumas apreciações muito oportunas sobre a forma que melhor se oferece á expansão da nossa vitalidade e das nossas manifestações industriaes e commerciaes, tanto mais que só pela industria do turismo algumas d'elas poderão ser conhecidas e justamente apreciadas.

Todos, felizmente, devido á persistencia que tem sido empregada pela Repartição de Turismo, pela Sociedade Propaganda e, ainda, pela nossa Revista, se veem convencendo de que a industria do Turismo é, por excellencia, a mais importante de todas as industriaes; e se bem que em alguns individuos se encontre, ainda, a descrença de que ela ha de, um dia, produzir em Portugal os proveitosos resultados que tem dado a felicidade a muitos povos, colectividades ha, todavia, que tão compenetradas estão já dos seus provaveis beneficios, que trabalham para que a industria ou o commercio que lhe diz respeito modifique a sua acção rotineira e se desenvolva no sentido de se amoldar ás exigencias dos estrangeiros que nos venham visitar, procurando atrahi-los quer pela forma de tratamento e de apresentação do que eles encontram de inegualavel no nosso Paiz, quer no intuito de nacionalisar os seus productos, torna-los perfeitos e de facil acquisição e, sobretudo, que eles representem, no estylo, na confeção e na semelhança, não só a sua indiscutivel origem, mas simultaneamente uma recordação estimavel e um objecto de valor.

Esta é a melhor linha de conducta a que deve ser subordinada a vida nova em que devemos entrar sem delongas, pois só assim conseguiremos valorisar-nos pelo sentimento patriotico e impor-nos ao respeito alheio pelo espirito de conservação e por uma intelligente e proficua actividade.

E se, principalmente, todas as nossas industriaes — que são muitas e valiosas — seguirem a orientação já traçada por algumas, certamente, quando se effectivar a oportunidade de atrahir aqui uma população fluctuante, elas terão ensejo de verificar que não foi baldadamente que empregaram os seus esforços e que os seus novos e criteriosos processos encontram a remuneradora compensação.

Ha, porem, um ponto capitalissimo a atender, para o estabelecimento da nossa população fluctuante, e esse é,

segundo o nosso modo de ver, a forma de captivar os paizes estrangeiros que, com maior probabilidades d'exitto, no-la podem fornecer.

Para isso devemos ter em conta todos os factores que podem concorrer para o fim desejado e, muito especialmente, as condições em que nos achamos em relação ao resto do mundo.

Sobre este ponto, por nós considerado da maior importancia, é que deve incidir o estudo criterioso e ponderado das entidades as quaes cabe a espinhosa tarefa; porque, se em lugar de se assentar n'uma linha de conducta cujos resultados sejam de positivos efeitos, nos formos colocar na situação de experiencias e de expedientes, nada lucraremos e tudo perderemos.

Haja em vista que todas as nações, mesmo aquellas que mais directamente se acham envolvidas na encarniçada lucta europeia, não descuram de, por todas as maneiras, prepararem o seu desenvolvimento futuro, tendo a industria do turismo o lugar primacial no pensamento d'aquelles a quem compete proporcionar ao seu Paiz o restabelecimento da normalidade financeira.

Estudemos, pois, pensada e sabiamente, o problema pelo lado que nos venha a dar os mais seguros resultados, e empreguemos na sua solução não só a nossa melhor actividade, mas, tambem, a maior brevidade, deixando as utopias e as probabilidades pouco provaveis para outro campo em que os nossos direitos e legitimos interesses não sejam affectados com concurrencias, nem menosprezados por deslealdades justificadas por interesses alheios...

— E depois da guerra quem melhor oferecer — em todo o sentido — será o preferido.

PORTUGAL EM CINEMA

DEPOIS do seu regresso do Norte, chegaram já a Coimbra, d'onde seguirão para Figueira da Foz, Leiria, Batalha, Alcobaça e Thomar, o operador da casa Gaumont, sr. Anatole Thiberville, e o sr. Julio Sequeira, interprete que o acompanha.

A viagem tem sido muito bem aproveitada, pois deu ensejo a serem cinematographados varios pontos importantes do norte do Paiz, e que muito apreciados serão lá fóra.

Na volta a Lisboa o operador irá ao Alentejo e Algarve, regressando depois a Paris.

Os Paços do Concelho de Trancoso

REGISTAMOS com prazer o progresso que algumas terras da provincia vão realizando, lentamente é certo, mas

marães, de que aqui demos o projecto, mostra umas certas linhas de bom gosto e arte.



Como curiosidade, publicamos os antigos paços do concelho de Trancoso demolidos em 1886,

TRANCOSO
OS ANTIGOS PAÇOS
MUNICIPAES, DEMOLIDOS
EM 1886

que, na rudeza da sua construcção, demonstra a velha architectura beirã, toda de cantaria, com

alguma coisa é, se atendermos ás difficuldades com que os municipios lutam, quanto a finanças proprias e dos poderes centraes.

Trancoso alia a sua velha architectura de tempos remotos, as modernas e elegantes construcções, como tambem alia os seus tradicionaes costumes, ao progresso do mais recente.

Pela grande feira de S. Bartholomeu, a 24 de agosto, a mais importante feira das duas Beiras, uma das melhor do paiz, vê-se a par da commissão de remonta e dos modernos amadores de cavalos de raça, os ciganos com os trajes caracteristicos e na sua eterna faina de enganar algum incauto que ali vá com as suas libritas, comprar um cavalo para o seu serviço.

Trancoso, devido á sua excepcional situação no coração da Beira, está destinado a ser uma das terras de maior importancia, principalmente se o almejado caminho de ferro lá chegar um dia.

Por isso registamos com prazer o seu progresso, dando aos nossos leitores o projecto já em execução dos novos paços do Concelho que como os nossos leitores verão,

TRANCOSO
PROJECTO PARA
OS NOVOS PAÇOS
DO CONCELHO

se não tem aq-
ue-la grandeza dos
paços de Gui-



a larga escada e varanda de pedra.

Outra nossa gravura representa o actual paço municipal, uma velha e pobre casa, bastante impropria para o fim a que se destina, o que obrigou os trancosenses a erguer o novo paço, que fica situado n'um dos melhores locais.

«LA ESFERA»

ESTA importante revista hespanhola, vae consagrar o seu numero de 15 de outubro, a Portugal, no qual escreverão artigos varias entidades de destaque no nosso meio literario, turistico e comercial.

Conta já com a colaboração de entre outros: Julio Dantas, Magalhães Lima, José d'Athayde, Vasconcelos Correia, Padua Franco, etc.

O nosso redactor principal foi tambem convidado a colaborar, que versará sobre «Castellos de Portugal».

O numero em questão terá 200 paginas e virá ilustrado com muitas illustrações.

EXPEDIENTE

Os nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro, 28, podem ser requisitadas as carpas artisticas que mandamos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1\$10 (mil e cem réis); fornecendo-se só as capas por 80 centavos (800 réis).

Para a provincia fazemos remessa das capas mediante requisição e envio em vale do correio da importancia de 83 centavos.

A «REVISTA DE TURISMO»

assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

Em Hespanha vende-se nas bibliothecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.